

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFROBRASILEIRA**

INSTITUIÇÃO DE HUMANIDADES E LETRAS

Bacharelado em Humanidades

Lara Coelho de Brito

**“A PARTICIPAÇÃO DA MULHER NA CAPOEIRA: um estudo entre o grupo Arte e
Movimento”**

Redenção- CE

Mai 2018

Lara Coelho de Brito

**“A PARTICIPAÇÃO DA MULHER NA CAPOEIRA:
um estudo entre o grupo Arte e Movimento”**

Projeto de pesquisa apresentado ao curso Bacharelado em Humanidades, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título em Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Igor Monteiro

Redenção- CE

Mai 2018

Brito, Lara Coelho de.

B875p

A participação da mulher na capoeira: um estudo entre o grupo Arte e Movimento / Lara Coelho de Brito. - Redenção, 2018.

23f: il.

Trabalho de Conclusão de Curso - Curso de Humanidades, Instituto De Humanidades E Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2018. Orientador: Prof. Igor Monteiro.

1. Mulher. 2. Capoeira. 3. Resistência. I. Título

CE/UF/BSCL

CDD 305.4

LARA COELHO DE BRITO

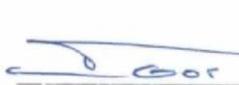
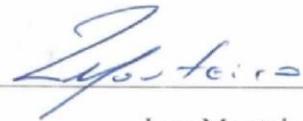
A PARTICIPAÇÃO DA MULHER NA CAPOEIRA: UM ESTUDO ENTRE O
GRUPO ARTE E MOVIMENTO.

Projeto apresentado na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia
Afro-Brasileira como requisito para obtenção de grau de Bacharela em
Humanidades.

Redenção, Ceará, oito de maio de dois mil e dezoito

(Aprovada com NOTA 8,5 em 08/05/2018)

BANCA EXAMINADORA

Igor Monteiro Silva
(Doutor / UNILAB)



Ricardo César Carvalho Nascimento
(Doutor / UNILAB)



Camila Mota Farias
(Mestra / UECE)

Dedico esse trabalho aos meus pais, Gláucio e Tania, a minha irmã Luana, ao meu sobrinho Raul Luiz e aos meus amigos que acreditaram na minha capacidade.

Agradecimento

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me concedido saúde, força, disposição e tranquilizar meu espírito nos momentos mais difíceis nessa trajetória acadêmica.

Agradeço aos meus pais Gláucio e Tania, que me deram todo apoio e incentivo nas horas difíceis. Sou grata também ao meu amigo Erick, que sempre me alertou quando estava desmotivada, me deu conselhos engrandecedores e sempre esteve ali com toda disposição para me ajudar. Sou grata a minha amiga Suyara, por ter não deixado ela dormir por noites, para está me ajudando na correção do meu trabalho. Sou grata a minha irmã Luana, que sempre me apoio e de alguma forma me ajudou muito. Não poderia esquecer do meu eterno professor Marcio Fernandes, pois ele foi meu grande motivador para ingressar no ensino superior, tenho você como meu espelho.

Agradeço ao meu professor Igor Monteiro, responsável pela minha orientação, por sempre está presente, respondendo meus e-mail e mensagens até mesmo em final de semanas, ajudando incansavelmente para que esse trabalho fosse concluído com sucesso, meus sinceros agradecimentos.

Ao professor Ricardo Nascimento e à professora Camila Mota pelo pronto aceite para compor a banca examinadora deste trabalho e, certamente, pela atenta leitura e valiosas sugestões.

**O lance está no ar, é só você gritar bem alto,
alto**

Mas se prepare, prepare

Porque nada no mundo é de graça

Você pode até ter medo

**Mas ande, caminhe, e só não pare, não pare
nunca!**

(Rosa de Saro, Casino Boulevard)

Sumário

1	Introdução	9
2	Justificativa	12
3	Objetivos	13
3.1	Objetivo Geral.....	13
3.2	Objetivo específico	13
4	Origem da Capoeira	14
5	Capoeira e Gênero.....	18
6	Metodologia	22
7	Referências.....	24

1 Introdução

O projeto de pesquisa cujo o tema é “A Participação da Mulher na Capoeira: um estudo entre o grupo Arte e Movimento” tem como objetivo compreender a participação da mulher na capoeira. Iremos tomar como campo empírico a escola de capoeira Arte e Movimento, localizada na região do Maciço de Baturité, no município de Mulungu.

O território do Maciço de Baturité é uma região cearense composta por 13 cidades, que possuem uma distância em torno de 100 km da capital Fortaleza. O município onde foi realizada a oficina que desencadeou neste trabalho, é Mulungu, que fica localizado na serra de Baturité, com pouco mais de 11.400 habitantes. A capoeira chegou como formação histórica da região do Maciço a partir do ano de 1702, no qual o município de Baturité acompanhava o ritmo de desenvolvimento do Ceará, em seguida se estabeleceram na região a cultura da cana-de-açúcar, conseqüentemente, habitaram nessa região muitos escravos que trabalhavam nos engenhos açucareiros. Foi a cidade de Redenção, situada no Maciço, a primeira a conceder a liberdade antecipada aos/as escravizados/as, acontecimento histórico que repercutiu nacionalmente. (ALBURQUEQUE, pg.04)

Por volta do ano 1995, a capoeira se tornou presente no município de Mulungu, através do mestre Marcio, ele teve como grande influência para treino da capoeira seu primo que reside em Caridade, o município de Caridade está localizado no Sertão Central do estado do Ceará cerca de 98 km da capital e 22 km de Mulungu. Começou então a praticar com 10 anos de idade. Como o deslocamento para Caridade se tornou complicado devido ser muito distante de Mulungu, Marcio resolveu treinar nas ruas do referido município, muitas vezes sozinho quando seu primo não vinha. Ao passar dos tempos as pessoas começaram se aproximar e a praticar essa modalidade. O grupo foi crescendo e tendo mais viabilidade dentro da cidade, então ao saber do grupo mestre Labareda fundador do grupo Libertação resolveu visitar um dos treinos que aconteciam nas ruas, pois não tinha espaço fixo para praticar. Então criaram uma associação de apoio para o grupo que aos poucos estava aumentando. Depois da associação formada com o grupo Libertação, conseguiram um espaço no qual treinavam com mais tranquilidade, a partir daí mestre Marcio resolveu criar um projeto dentro de uma comunidade onde ficava seu galpão de treino e que necessitava da atenção por partes dos governantes do município já mencionado, mesmo porque o projeto em estudo tinha como objetivo primordial tirar as crianças da ociosidade, fazendo com que elas ocupassem a cabeça fazendo algo importante para melhorar sua vida social, conseguiram reunir mais de 50 crianças dentro da

comunidade sendo que o número de meninos era superior ao número de meninas, o local se tornava pequeno para grande quantidade de crianças que queriam praticar a capoeira. No ano de 2016, devido algumas desavenças com o grupo Libertação eles resolveram desfazer essa associação e se associar com o grupo Arte e Movimento, pois os mesmos ofereciam total apoio.

Nos dias de hoje o grupo tem a presença de poucos alunos participando, pois os mesmo a procuravam um futuro melhor e por conta disso abandonavam a capoeira para ir trabalhar ou ir embora da cidade em busca de uma faculdade, e não dando para conciliar estudo, trabalho e treino, desistiram da prática da capoeira. Com essa perda de alunos hoje o grupo se sustenta com cerca de 20 alunos sendo que a maioria são homens tendo a presença apenas de 3 mulheres que praticam. As mulheres desistiam de treinar por falta de tempo; falta de motivação; por ter outras responsabilidades/prioridades; para cuidar da casa e filhos; porque pensam que perderão a sua feminilidade; porque é cansativo, duro; porque é violento; por que os namorados pedem; por falta de interesse; frustração por não alcançar os objetivos, não conseguir evoluir; por sentirem-se inferiores; por sentirem-se pouco valorizadas; porque os movimentos são muito complexos; assédio por parte de colegas capoeiristas; por não aguentar a discriminação e por fofocas/intrigas que tinha dentro da sociedade, tendo assim um processo de não produção de equidade de gênero, por exemplo, as mulheres são vista como objeto de preconceito, são negadas, são invisíveis por ser femininas.

A escolha desse projeto surgiu por meio de um evento na qual eu tive a honra de participar e de enriquecer meu pensamento sobre os assuntos na qual eu queria usar como tema de pesquisa, o nome do evento foi: I seminário de Estudos sobre a capoeira do PerformArte que aconteceu na UNILAB. No segundo dia do evento Mestra Carla, da Associação Zumbi de Capoeira-AZC, falou um pouco da sua história quanto capoeirista e da indignação que ela tem em saber a superioridade que os homens tem em relação a mulher dentro da capoeira, ela mostrou dados na qual informa que existe muito mais homens mestre, do que mulheres mestra, isso acontece devido a pressão que cada mulher enfrenta pra se tornar mestra, como: isso não é pra você; máximo que você vai fazer bater palmas na roda; e entre outras diversas repressões que ela escutava. Mas isso não fez com ela pudesse desistir e conquistar um lugar onde ela se encontra hoje. Ela vai ressaltar durante a palestra um acontecimento na qual foi objetivo principal a me levar a estudar o assunto, foi um vídeo que ela assistiu na internet que o grupo de capoeira Cordão de Ouro, que ao fazer uma roda, o mestre jogava com uma mulher e entre os golpes ele agarra a capoeirista e dá um beijo na bunda dela, esse acontecimento ocorreu fora do País, mas gerou indignação geral, mostrando ali pra todos que estavam presentes que a

mulher não tinha vez ali naquela roda, fazendo com quem as mulheres fossem reprimidas e tivessem medo de jogar com homens devido esse acontecimento

Falar sobre mulheres capoeiristas é também dizer sobre mim. O encantamento começou aí, e permanece. Muitas idas e vindas à capoeira enquanto atividade física, pouco tempo pra treinar e devido a repressão por familiares e amigos por jogar capoeira, pra continuar a jogar eu tive que levantar a cabeça e não deixar que os comentários pudesse me abalar, sai pra treinar muitas vezes escondidas, com o medo do que as pessoas falariam, quando me vissem com meu abadá de treino, surgiam vários comentários indesejáveis, por gostar de jogar capoeira, só meus pais me apoiavam. Entretanto, a vida acadêmica me trouxe a possibilidade de compartilhar com a capoeira de outra forma. Estudar a capoeira é também aprender com ela, e assim tentar contribuir para o seu entendimento no mundo das rodas e além delas. Isso me levou a pensar no caso ir mais a fundo no assunto e relacionar a mulher a capoeira nesse projeto de pesquisa. Foi um grande incentivo para estudar a possibilidade de resistência e Empoderamento dessas mulheres, na valorização da sua identidade, buscando compreender a participação da mulher enquanto lugar de resistência.

2 Justificativa

A partir de reflexões sobre minhas experiências enquanto capoeirista, pude perceber que são feitas distinções entre o que homens e mulheres ‘podem’ fazer na capoeira, baseadas em classificações de feminino e masculino.

Sabe-se que um dos fundamentos psicológicos da discriminação é o medo. Falar sobre isso explicitamente permite que se possa tratar o medo com o que é de fato manifestação da insegurança muitas vezes plantada em cada um de maneira arcaica, que pode ser revestida apenas quando encarada e trabalhada.

É preciso esclarecer, também que a discriminação ocorre como uma relação em que há dos polos. O que discrimina, o medo apresenta-se como reação ao desconhecimento visto como ameaçador. Quem tem a cor da pele diferente, ou fala de tradições- étnicas, religiosas, culturais, desconhecidas, confronta seu interlocutor com sua própria ignorância de mundos diferentes do seu.

E o polo em que se encontra a aquele que é discriminado, o medo apresenta-se como ameaça na sua forma extrema que busca eliminar fisicamente o discriminado. Ao estar em contato com as mulheres capoeiristas, me fez refletir que a luta contra as desigualdades de raça e gênero se dá inclusive na dimensão cultural, e que a prática da capoeira na vida dessas mulheres se compõe como instrumento na valorização de sua identidade étnica racial, como também uma importante arma na busca por autonomia dentro de uma sociedade que vive sob a dominação masculina, sabemos que a quebra desse paradigma foi bastante complexo em relações aos homens, pois os mesmo tiveram grande dificuldade de aceitação dentro da sociedade em relação ao seu fenótipo, agora podemos imaginar como foi aceitação da mulher dentro de uma sociedade machista.

Tirando como exemplo a questão de gênero podemos defini-lo, de acordo com Karuka (2005, p. 69), como uma

[...] categoria de análise histórica, servindo, portanto, como uma das categorias que possibilitam a análise das relações sociais em uma dada sociedade, e não para determinar como homens e mulheres devem se comportar. Os comportamentos devem determinar o gênero e não o contrário

A desigualdade de gênero é um fator histórico que ocorre nas sociedades desde da antiguidade na qual a mulher “era” tratada como um ser inferior ao homem, e por isso sofria inúmeras, restrições, como por exemplo: o voto que era permitido somente aos homens.

Enquanto as mulheres permanência apenas o “lar” e dedicavam-se totalmente aos afazeres domésticos e aos filhos. Outras influências provenientes deste pensamento é a violência contra a mulher forçando-a ser submissa, ao marido caso contrário sofreriam agressões verbais e físicas.

Estas situações contribuíram para a criação do movimento feminista e a parti daí a mulher foi lutando e conquistando seu espaço na sociedade.

A grande ironia é que uma forma de resistência cultural afro-brasileira se domesticou dentro dos contornos espaciais das academias, tornando-se o acesso mais difícil a muitos afrodescendentes cujos ancestrais cuidaram de preservá-la por muitos séculos, em espaços públicos e abertos, como uma forma de expressão africana no Brasil.

O tema “A participação da mulher na capoeira com movimento de resistência” oferece ao público alvo oportunidades de conhecimento de suas origens como brasileiros participantes de grupos específicos. Ao valorizar as diversas culturas presentes no Brasil propicia a compreensão de seu próprio valor promovendo sua auto defesa a expectativa indevida que lhe poderão ser prejudiciais, por meio do convívio social possibilita conhecimentos e vivências que cooperam para que se apure sua percepção de injustiças e manifestações de preconceito e discriminação que recai sobre se mesmo ou que venha o testemunho e para que desenvolva atitudes de repudio a essas práticas.

3 Objetivos

3.1 Objetivo Geral

- Refletir sobre as dinâmicas de participação da mulher no universo da prática da capoeira, tomando como empiria privilegiada as experiências no grupo “Arte e Movimento” em Mulungu-CE.

3.2 Objetivo específico

- Identificar processos de exclusão, subalternização e estigmatização da mulher na capoeira. - Refletir sobre práticas concretas de participação da mulher em grupos, escolas e associações de capoeira.

- Compreender o modo como as subalternizações e violências de gênero se expressam no cotidiano de práticas da cultura popular e como ações coletivas de resistência são organizadas, vivenciadas e comunicadas.

4 Origem da Capoeira

Através da origem da capoeira no Brasil lembramos também da origem da escravidão no Brasil, a parti do século XVI e meados do século XIX, africanos escravizados foi utilizado como ferramenta de mão de obra para sustentar principalmente a colônia portuguesa e depois o próprio império Brasileiro. Os escravos treinavam capoeira e disfarçavam como dança, originando assim uma luta que buscava poder e liberdade.

“Os negros foram aprisionados na África e trazidos para o Brasil vinham de várias nações e regiões daquele continente, cada um desses grupos possuía sua própria cultura como, danças, músicas, lutas, religiões, seus rituais etc, aqui chegando já na condição de escravos houve uma grande mistura dos membros desses grupos, e na convivência entre si eles foram absorvendo partes dos conhecimentos de outros.”
(GELEDÈS, s/a)

A pratica da capoeira no Brasil começou com chegada dos negros africano que começaram a usar dentro das senzalas e depois com os quilombos, “Os “quilombos” eram criados por escravos negros fugidos que procuraram reconstruir neles as tradicionais formas de associação política, social, cultural e de parentesco existentes na África. ” (GELEDÈS). Então a parti do século XIX ela começa a aparecer dentro desse contexto, e muito mais nas crônicas principalmente por causa das fugas dos escravos, onde se caracteriza como “Onda negra”

“Os brancos e os capitães-do-mato viram o perigo que a capoeira oferecia, por ser elemento completamente novo e desconhecido por eles. Seus golpes eram de difícil defesa, rápidos, certos, animalizados, viabilizando, assim, a defesa do negro contra os golpes deferidos pelos capatazes e os ataques surpresas por meio de emboscadas. ”
(Braga, Saldanha. s/a)

Portanto esse processo tinha um leque muito grandes das nações que vinha ser escravizadas aqui no Brasil, pois juntavam-se em formas de camaradagem. Os senhores da fazenda, procuravam colocar dentro das senzalas essas misturas de negros, que vinha de diferentes partes, com a intenção de não haver essa comunicação entre os mesmos, pois a cultura, a fala, os costumes, eram diferentes. Porém os negros que ali se reuniam conseguiam fazer essa troca de diálogos, mesmo sendo complicado, pois eles lutavam por uma única solução, a liberdade, e a capoeira era a que fazia a ligação entre todos, visando misturar as diversas formas culturais.

Em uma entrevista Soares deixa bem claro essas formas de camaradagem existente:

“De um lado você tinha africanos vindos de um ponto distante do continente e que não se conhecia originalmente. Eles estavam num ambiente novo, tenso, de concentração, porque a cidade colonial era pequena, mas concentrava uma população densa. Os

africanos traziam bagagens culturais diferentes, mas alguns elementos eram mais ou menos articuláveis, a língua, por exemplo.” (SOARES, 2001).

A forma que praticavam a capoeira através, da música, do batuque, do ritmo, de como era cantada, de como era feita a letra, era uma verdadeira festa, onde toda a senzala se reuniam, através desse manifesto fazendo com que pudessem matar a saudade da sua terra natal, apesar de muitos escravos ao chegarem no país, morriam por causa de doença chamada “Banzo” (depressão relacionada ao seu país de origem.).

Uma grande quantidade de escravos foram vendidos do nordeste, e deixaram de trabalhar na cana de açúcar para trabalhar nas minas, em Minas Gerais, esse êxodo interno de escravo que vinha do nordeste ao sudeste levavam consigo a capoeira, que na época era uma prática muito secreta por isso tem poucos registros, até por que era proibido, “Poucas vezes ela foi compreendida como uma prática cultural pertinente à sociedade brasileira”(Oliveira , Leal,2009) desde a chegada das grandes autoridades portuguesas, que viam na capoeira uma grande arma mortal, pois os governantes da época relacionava a capoeira ao mundo do crime, por isso ninguém fala que jogava ou lutava.

As mulheres também tiveram seu papel crucial quando a capoeira foi marginalizada pois as mesmas ajudavam os capoeiristas a se livrarem da polícia como destaca Waldeloir Rego (1968).

[...]na Bahia, "as mulheres de saia, como eram chamadas as negras africanas ou descendentes" tornavam-se cúmplices e aliadas dos capoeiristas, pois além de avisar os homens da aproximação da polícia, escondiam armas perigosas (geralmente uma navalha ou uma faca de ticum) que retiravam da cabeças, do cabelo e do torso e entregavam aos capoeiristas no exato momento em que eles delas precisavam para atacar ou se defender.

Conforme a Lei, dentro dessa realidade, visando a uma maior severidade quanto às punições, o Código Penal da República dos Estados Unidos do Brasil de 1890 (promulgado pelo Decreto nº 847 em 1890), tratou de forma clara e direta sobre a prática de capoeiragem, em seu artigo 402, inserido no capítulo XII, intitulado Dos vadios e Capoeiras, como segue:

Art. 402. Fazer nas ruas e praças públicas exercício de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação de Capoeiragem: andar em carreiras, com armas ou instrumentos capazes de produzir lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal; Pena de prisão celular por dois a seis meses.

Parágrafo único. É considerado circunstância agravante pertencer a capoeira em alguma banda ou malta.

Sendo perseguida pelo delegado Sampaio Ferraz, que muitos diziam que ele era jogador de capoeira e conhecia de longe um capoeirista, as penas aplicadas na maior parte delas eram o deslocamento para Fernando de Noronha, pois antigamente lá não tinha nada eram só uma ilha que se colocava os presos para morrer. A capoeira passou a ser usada como uma arma de coesão política e dominada pelas principais capitais do Brasil.

Não era comum filhos de brancos jogarem capoeira, mais a parti do século XVIII e início do século XIX muitas pessoas da classe média começaram a interessasse pela a pratica. A parti da observação e a participação dentro das rodas, o aluno começava a se desenvolver os movimentos, pois antigamente não se tinha academia como tem hoje.

A primeira academia de capoeira vai surgir a parti da semana da arte moderna em 1992 onde tem como criador Mestre Bimba, que durante essa semana o povo brasileiro vai atrás da busca da identidade cultural do país. Com o método pedagógico e didático o mestre procura ensinar uma sequência básica de oito movimento que a parti do mesmo vai surgir uma derivação de golpes, com isso a capoeira foi se tornando um esporte nacional, depois virou uma ginastica nacional, mas apesar dessa repressão que tinha com a capoeira Mestre Bimba procurar nomear a capoeira de Luta Regional Baiana, (Mestre pastinha também deu um nome para capoeira de Angola), pois a capoeira era mal vista pela sociedade.

Porem com a criação da primeira academia a mulher participou como formação indireta nos currículos da capoeira e se manifesta também em forma de um apoio logístico ou serviçal. Desde que a capoeira começou a sair das ruas e se estabeleceu em academias, é muito comum que a aluna capoeirista seja a secretaria e/ou coordenadora do grupo a que ela está afiliada. Por isso, Frederico Abreu considera que "se a mulher não trouxe uma contribuição para a 'forma' de jogar capoeira, trouxe a organização, cuidando de assuntos burocráticos" (REIS, 2002)

No entanto hoje existe no Brasil dois tipos de capoeira, a capoeira de Angola onde o berimbau é tocado mais lento e a regional o ritmo é mais acelerado. O mérito do Mestre bimba foi criar uma capoeira na qual ele dizia ser mais objetiva, onde ele saiu misturando movimento de outras lutas (jiu-jitsu, caratê, judô, muay thai, entre outras), onde a parti dessa junção as forças armadas viu que a capoeira iria ajudar bastante seus militares e começou a chamar Mestre Bimba para dá aula, que a pratica da mesma foi nomeada pelas forças armadas de ginastica brasileira.

A parti então das passagens que foi ocorrida durante os tempos as transformações são mais profundas que envolvem o conjunto da sociedade - ou segmentos significativos dela - e deixam marcas que persistem no tempo e chegam às gerações seguinte. Ao contribuir, de uma

forma mais profunda de como a educação presentes no universo da cultura popular, nas quais o mestre exerce papel fundamental, e de como essas experiências baseadas na tradição, na ancestralidade, no ritual, na memória coletiva, na solidariedade e num profundo respeito à sabedoria do mais velho, como principal responsável pela transmissão desses saberes às novas gerações, podem auxiliar num processo de construção de formas alternativas de se pensar a educação, sobretudo aquela voltada às camadas menos favorecidas da nossa sociedade.

As cantigas de capoeira, de domínio público, confirmam a presença da mulher nas proximidades das rodas, como se pode verificar no seguinte corrido: "Dona Maria, o que vende aí? / E coco e pipoca que é do Brasil. /Coro: Dona Maria, o que vende aí?" (Citado em Bola Sete,1997). Pois antigamente as mulheres não tinha participação diretas nas rodas de capoeira, mas as rodas se formavam geralmente onde se localizavam "baianas" vendendo suas respectivas comidas típicas os até mesmo as cariocas que eram chamadas de "quitandeiras".

5 Capoeira e Gênero

No entanto a existência de setores femininos no espaço público, ressaltam também formas de enfrentamento dos problemas cotidianos por parte das mulheres, com o uso da violência. Aquelas que utilizavam a navalha como arma eram imediatamente hostilizadas e vinculadas aos desordeiros (e capoeiras) e, como tal, deveriam passar pelo processo de criminalização. A história dessas mulheres não representa simplesmente um recorte de gênero na historiografia e sim o reconhecimento de suas experiências como elemento agenciador do processo histórico. (OLIVEIRA, LEAL 2009).

Conforme os autores Oliveira e Leal em seu livro *Capoeira Identidade e Gênero: ensaios sobre a história social da Capoeira no Brasil*, tratou da não identificação de mulheres capoeiras na documentação policial e jornalística não descarta a possibilidade de sua existência. Ao contrário, uma vez identificada sua presença no universo social da capoeiragem, a partir das referidas fontes, ficam reforçadas as informações deixadas pela tradição oral nos registros de memória, a exemplo das cantigas e dos manuscritos dos mestres capoeiras. Os capoeiras do período estudado não são, como evidenciamos, facilmente identificados na documentação consultada, principalmente em se tratando das mulheres. Entretanto, ao encontrarmos em outras fontes os nomes e fatos que aparecem nos referidos registros, abriu-se a possibilidade de identificação desses capoeiras e suas tramas sociais. Portanto, o cotidiano da rua tornou-se o locus preferencial para a investigação e a conseqüente descoberta dos “esconderijos” dos agentes da capoeiragem.

A presença feminina não estaria mais contida nos discursos da arte e sim nas denúncias jornalísticas, nas proibições via código de posturas ou na repressão policial direta. Se em qualquer tema – como o trabalho doméstico, a prostituição ou os conflitos físicos – o comportamento da mulher poderia ser criticado visando à disciplinarização, havia uma prática que a denúncia destacava por seu aspecto bastante singular em relação ao uso do corpo feminino. Tratava-se da associação direta entre comportamento feminino e a prática da capoeira, onde muitas vezes a mulher era denunciada por ser capoeira.

Correspondem a diferentes posicionamentos políticos, mas concordantes em relação ao julgamento do lugar social da mulher no cotidiano feminino, orientando sobre o modelo ideal de comportamento e, ao mesmo tempo, enfatizando críticas quando ela não seguia o modelo ideal proposto. Como: enquanto que para o homem, ou melhor, para o pai, a razão, o pensamento, a autoridade, o provimento, a força e o próprio nome da família seriam as características que marcavam a sua personalidade. À mulher (mãe) caberiam diversos atributos

que lhe manteria voltada somente para o trabalho doméstico e para os cuidados com sua família; além de ter que ser formosa, deveria ter a fé e a virtude de uma santa, ou de um anjo, que, mesmo sofrendo, precisaria saber consolar todas as dores dos seus familiares. Ela representava o próprio espírito de ordem (em seu comportamento e atitudes) e de economia (função doméstica), dedicada a uma oração contínua que elevaria a sua família a Deus (preocupação religiosa). Dessa forma, ser mulher era assumir qualificações próprias que a diferenciavam do homem.

A naturalização do comportamento feminino se evidencia aqui como um discurso, uma construção histórica e cultural de contexto específico. Longe de ser realmente natural ou imutável, tal discurso deve ser desconstruído “em todos os níveis (teorias e práticas, representações e fatos materiais, palavras e coisas)”.

Algumas das formas de estas mulheres escaparem do modelo ideal feminino já foram apresentadas diz respeito às próprias relações entre elas e com o sexo oposto e até mesmo com a política. Contudo, ainda há um meio de serem excluídas socialmente e condenadas por não seguirem as recomendações do modelo proposto. Trata-se da troca de experiência com homens que partilhavam seu cotidiano e, particularmente, a utilização de uma prática cultural marginalizada.

Na situação atual da mulher na Capoeira podemos observar que recentemente estão sendo realizados muitos encontros femininos, o que parece ser uma posição de destaque no meio capoeirístico, mas que na verdade pode ser um indício de preconceito e exclusão da mulher, que necessita uma roda e/ou um evento exclusivo para poder “aparecer”, estar cômoda e discutir a discriminação sofrida. Averiguou-se que ainda existem muitas fronteiras de gênero para as mulheres romperem no contexto da Capoeira. Muitas delas são solidificadas pelas próprias capoeiristas, que se discriminam e subestimam pela falta de apoio e/ou motivação dos seus mestres, locais de trabalho e da sociedade de forma geral ou porque pensam que não devem praticar e aprender uma arte marcial e/ou autodefesa, achando que isso as poderia tornar menos femininas. No entanto, os discursos das capoeiristas também apontam para a existência de preconceito por parte dos homens dentro da Capoeira.

Mestre Bimba foi muito importante na história da capoeira por que foi um dos grandes Mestres que com sua capoeira trouxe mulheres para dentro da convivência masculina das rodas... e entre elas a famosa “Maria 12 Homens, Calça Rala, Satanás, Nega Didi e Maria Pára o Bonde.” Os esparsos comentários publicados sobre as atividades dessas mulheres referem-se geralmente a seu comportamento “masculino” e/ou a sua destreza, como alguns dos apelidos revelam. As cantigas de capoeira, de domínio público, confirmam a presença da mulher nas proximidades das rodas, como se pode verificar no seguinte corrido: “Dona Maria, o que vende aí? / E coco e pipoca que é do Brasil. /Coro: Dona Maria, o que vende aí?” (Citado em Bola

Sete, 1997). Pois antigamente as mulheres não tinha participação diretas nas rodas de capoeira, mas como vimos.

A mulher começou na capoeira com movimento de resistência, pois no princípio só que jogavam eram os homens, por que tinha mais “forças física e agilidade para pratica-la. Mais o jogo feminino vai muito além da graça e beleza que elas proporcionam a essa manifestação. A mulher vem sendo respeitada e valorizada numa roda de capoeira garante que esse espaço seja cada vez mais um espaço democrático, onde a diversidade e a convivência harmoniosa entre os diferentes, significam um exemplo de tolerância e convívio social nesse mundo tão cheio de preconceitos e discriminações. Este exemplo é um dos ensinamentos mais importantes que a capoeira oferece às sociedades contemporâneas.

As referências a sua visibilidade nas rodas, nos grupos ou nas academias revelam que, com raras exceções, ela era vista quase exclusivamente como uma pesa de apoio na estrutura social do jogo/luta/dança/ritual ou como participante da resistência cultural afro-brasileira. Através de pesquisas em sites, (internet) encontramos o artigo de Maria José Somerlate Barbosa que trata da representação feminina nas cantigas de Capoeira. Nele a autora analisou trezentos e noventa e sete cantigas e constatou que cerca de vinte e cinco por cento dessas abordam a representação feminina na sociedade e no universo da Capoeira.

De acordo com a autora, há cantigas em que nos são apresentadas indícios de sexismo na Capoeira, como aquelas que tratam da figura feminina de forma subalterna, demonstrando abertamente o machismo que ainda permeia algumas relações entre homens e mulheres como no trecho dessa canção: “*Tem dendê/ dendê, dendê di Maré / vou dizer a dendê sou homem não sou mulher*” (BARBOSA, 2005, p.06).

Esses tipos de canções que codificam valores morais e sociais ao descrever a mulher como uma coisa possuída, ser inferior, objeto de prazer sexual e/ou estorvo para o bem-estar masculino. Já o homem é descrito como aquele que dita as normas de comportamento, geralmente determinando o que a mulher pode ou não vestir, se deve ou não cortar o cabelo, usar maquiagem e/ou trabalhar fora de casa.

Tendo como mais uma vítima do machismos e do racismo na sociedade brasileira, Marielle Franco que tinha um cargo de vereadora foi assinada na cidade do Rio de Janeiro, quando voltava de um evento na Lapa e foi alvo dos disparos, trouxe novamente à tona o temor da ação de milícias armadas na cidade. Defensora dos direitos humanos e crítica ferrenha da atuação de policiais que agem fora da lei. A perícia concluiu que o lote de munições utilizados no crime teria sido vendido para a Polícia Federal em Brasília. (MARIELLE..., 2018)

Ao passar um mês da execução de Marielle Franco, o Instituto Nzinga de Capoeira Angola, resolveram fazer uma homenagem a vereadora em forma de uma ladainha, na qual a letra cantada é por mulheres praticantes da capoeira de núcleos diferentes do Instituto Nzinga. A letra da música nos leva a refletir a realidade da mulher negra presente no Brasil.

Foi no rio de janeiro/ no dia de quarta-feira/ mataram mais uma preta (bis)
 Mataram uma companheira/ Sua vida minha colega/ Sempre foi de muito risco
 Para quem luta todo dia/ Contra o machismo e o racismo/
 Mas é na luta que aprendemos / Vai a flor, fica a semente/ Enquanto estivermos
 juntas/
 Marielle está presente.... (Instituto Nzinga Capoeira Angola,2018)

Atualmente as capoeiristas estão questionando as letras tradicionais em que a afirmação da masculinidade se faz por meio da negação da mulher. Por exemplo, muitas mulheres se negam a cantar certas canções, modificam as letras e até compõem suas próprias canções. Essa inversão mostra a contestação feminina de determinadas fronteiras, buscando uma maior igualdade dentro da roda e para lembrar e manifestar que hoje as mulheres já constituem aproximadamente 40% das pessoas que jogam/estudam a Capoeira (Barbosa,2005).

Um bom exemplo para as praticantes desta modalidade é o de Carolina Soares, que tem alguns CDs de Capoeira gravados. Entre eles está seu primeiro disco “Músicas de Capoeira” que traz uma mensagem às mulheres:

Um dos objetivos deste CD foi fazer com que a mulher, uma vez mais, ocupe seu lugar neste universo, e que a capoeira ganhe um presente digno da grandeza de sua arte. Este é o primeiro CD feminino de capoeira e foi concebido através da visão de uma artista. O caminho está sendo aberto para que os próximos trabalhos sejam também delas, as capoeiristas. Axé, Carolina Soares (Soares, s/d).

E a parti daí veio mais uma conquista das mulheres no meio social, e dentro capoeira ela veio para colocar sua graça e delicadeza em um universo que antes somente pertencia aos homens como muitos outros onde elas vêm se estabilizando e mostrando a que vieram, não para tomar conta, ou dominar, mas com a ideia de acrescentar, somar e deixar com certeza esses “mundos” mais belos, igualitário e menos machista.

6 Metodologia

Trabalharemos com a pesquisa qualitativa, exploratória e documental (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2007), que irá buscar levantamentos de dados sobre a questão em estudo, compreendendo e interpretando os comportamentos, as opiniões de autores, e as expectativas que teremos para o futuro da capoeira. Como já temos um conhecimento qualificado sobre o assunto, a pesquisa irá ajudar para a criação da base de conhecimento e qualifica-la cada vez mais.

De acordo com Bourdieu 1989, o pesquisar não corresponde a habilidades naturais, mas, é resultado de um trabalho que pode ser aprendido e também ensinado, principalmente através da prática, mais do que pela teoria. A pesquisa qualitativa vai procura responder perguntas específicas, trabalha com uma gama de significados, atitudes, valores, sentidos e crenças. Pois processo de construção da pesquisa, como também, da própria ciência, que ocorre o desenvolvimento do objeto é relacionado com as teorias intelectuais e métodos levados a campo.

Bourdieu 1989, descreve em um de seus textos, que devemos ficar atentos para a realização de uma pesquisa tornando imprescindível a superação do senso comum, estabelecendo relações entre o método e teoria, que permitam ao sociólogo a construção de um objeto de validade científica que supere as aparências apresentadas na realidade.

Buscando fazer uma ligação entre o olhar, o ouvir e o escrever iremos dar ênfase a esses pontos como método que será aplicado para o desenvolvimento da pesquisa. (OLIVEIRA, 1996)

O campo do olhar vamos desenvolver a observação dentro do campo estudado, buscando analisar as rodas, os treinos e perceber como cada capoeirista se comporta dentro desse ciclo que aos poucos vem se tornando igualitário, mais ainda tem muitas desigualdades.

O ouvir vai ser trabalhado de acordo com as músicas que são exposta nesse mesmo espaço de observação, tendo como ajuda da internet buscando canções que trata sobre universo feminino que vai falar da mulher na capoeira, e dentro da roda ficaremos atentos as letras das músicas, observando quem toca os instrumentos, se as mulheres tem a oportunidade de tocar o instrumento principal que é verbal, e se as letras das músicas só exaltam os homens ou exaltam também as mulheres, por que tudo isso entra em conjunto quando vamos a campo, pois o olhar e o ouvir caminham juntos.

O escrever seria a configuração final do produto de todo o trabalho de campo e seria também o ponto mais crítico, pois depois de todas essas observações do olhar e do ouvir, o escrever vem por meio de uma conclusão do que foi observando, e através das entrevistas semiestruturadas que serão aplicadas para as participantes do grupo, que podem ou não responder perguntas, fica a critério de cada um se vai se sentir a vontade de falar suas vivências dentro desse grupo, refletindo a partir das crenças, atitudes e valores. Por isso a importância da entrevista criar-se algum tipo de relação entre o entrevistador e o entrevistado para que se estabeleça um diálogo, e assim os entrevistados ter segurança para responder as perguntas que serão lançadas.

O diário de campo tem como um dos métodos principais para a documentação desse projeto, pois é uma ferramenta que permite sistematizar as experiências para posteriormente analisar os resultados. Neste, pode-se incluir ideias desenvolvidas, frases isoladas, transcrições e esquemas, por exemplo. O que importa mesmo é que o pesquisador possa apontar no diário aquilo que vê/observa ao longo do seu processo de investigação para depois analisar e estudar o objeto no qual está sendo estudado.

7 Referências

- ALBUQUERQUE, E. T. de. **Identidade, resistência e subjetividade: as mulheres capoeiristas do maciço de Baturité no Ceará.** In: Redenção-CE; [s.n.]. p. 04. Disponível: http://www.evento.ufal.br/anaisreaabanne/gts_download/Eliza%20Tavora%20de%20Albuquerque%20-%201020475%20-%203728%20-%20corrigido.pdf. Acesso em: 14/04/2018.
- BARBOSA, M. J. S. A representação da mulher nas cantigas de capoeira. **Disponível em:** <<http://www.plcs.umassd.edu/plcs12texts/barbosajun162006.doc>>. Acesso em: 15/12/2017
- BARBOSA, M. J. S. (2005a). A mulher na capoeira. **Arizona Journal of Hispanic Cultural Studies**, p. 9-28.
- Bola Sete, Mestre. *A Capoeira Angola na Bahia*. Rio de Janeiro: Pallas, 1997.
- BRAGA, J. de C. F.; SALDANHA, B. de S. **CAPOEIRA: DA CRIMINALIZAÇÃO NO CÓDIGO PENAL DE 1890 AO RECONHECIMENTO COMO ESPORTE NACIONAL E LEGISLAÇÃO APLICADA.** Disponível em: <<http://docplayer.com.br/18073058-Capoeirada-criminalizacao-no-codigo-penal-de-1890-ao-reconhecimento-como-esporte-nacional-e-legislacao-aplicada.html>>. Acesso em: 22/11/2017.
- BOURDIEU, P. *O Poder Simbólico*. Editora Bertrand Brasil. S. A. Rio de Janeiro, 1989.
- Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890. Promulga o Código Penal. Disponível em: <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=66049>. Acesso em: 3 mar. 2014.
- GELEDÉS. *A História da Escravidão Negra do Brasil*. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/historia-da-escravidao-negra-brasil/>>. Acesso em: 22/11/2017.
- INSTITUTO NZINGA DE CAPOEIRA ANGOLA. *Ladainha para Marielle: vai a flor, fica a semente*. Disponível: < https://www.youtube.com/watch?v=F_WwaNNIziQ>. Acesso em: 14/04/2018.
- MARIELLE e Anderson: o que se sabe sobre o assassinato da vereadora e de seu motorista. EL PAÍS, EDICIONES EL PAÍS, S. L. 2018. Disponível em: < https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/15/politica/1521124512_120046.html>. Acesso em: 14/04/2018.
- KARUKA, M. K. **A RBCE e os anais dos CONBRACES: gênero, o sexismo e a educação física em suas páginas.** Monografia (Monografia de Conclusão de Curso), Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2005.
- OLIVEIRA, Josivaldo Pires de; LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. *Capoeira Identidade e Gênero: ensaios sobre a história social da Capoeira no Brasil*. Editora EDUFBA: Salvador – BA, 2009.

OLIVEIRA, R.C. de. *O trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever*. Revista de Antropologia, São Paulo, v. 39, n.1, 1996.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola: Ensaio sócio-etnográfico**. Salvador: Editora Itapoã, 1968.

REIS, Leticia Vidor de Sousa. *Entrevista pessoal*. Sao Paulo, 12 de julho de 2002.

SOARES, C. (s.d.). **Músicas de Capoeira**. [Áudio], Brasil, v. I.

SOARES, Carlos Eugenio Libano. *A Capoeira Escrava no Rio de Janeiro: 1808-1850*. Campinas, SP. 1998.

SOARES, C. *A CAPOEIRA ESCRAVA E OUTRAS TRADIÇÕES REBELDES*. 2001.
Disponível em:
<http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/jornalPDF/ju167_p22.pdf>. Acesso em:
23/11/2017.